A cor do dinheiro e o acordo público

Reportagem do *Caderno 2* sobre os critérios de distribuição de recursos à Cultura acelera debates

RODRIGO LEITÃO

A reunião quinzenal do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do DF, realizada ontem pela manhã, foi aberta com uma manifestação do conselheiro Guilherme Cabral em relação à matéria de capa do Caderno 2, em sua edição de ontem — *Afogando em Números*. Antes de iniciar os trabalhos do Conselho, Guilherme Cabral pediu para ser registrado em ata seu protesto contra a ausência de reconhecimento, na matéria, de que nunca houve tanta transparência nos processos de orçamento e distribuição de verbas da FCDF como vem ocorrendo hoje.

A matéria de capa do **Caderno 2** do **Jornal de Brasília** repercutiu entre os conselheiros. O secretário de Cultura e Esportes, Márcio Cotrim, abriu sua fala explicando a entrevista que ele a diretora executiva da FCDF, Maria Luiza Dornas, deram ao **Jornal de Brasília.** Antes de iniciar a discussão dos doze processos em pauta, Luiza Dornas apresentou e informou as contas da produção da festa dos 31 anos de Brasília, anunciando que a FCDF exerceu o papel de produtora das comemorações.

Entre os pontos que foram discutidos ontem na reunião estavam o pedido de suplemento da verba destinada para o projeto *Labirinto Sábio*, apresentado pela Sociedade de Amigos da Biosfera, estimada em Cr$ 900 mil. O grupo *Endança* também solicitou auxílio à FCDF, em forma de passagens aéreas, para participar de evento fora do DF. Entre outros pedidos estavam ainda uma solicitação da Embaixada do México para a realização de um concerto com o maestro Carlos Pietro, encaminhamento para apreciação do projeto cultural *Aruc-30 Anos*, pedido de apoios para o espetáculo *Ballet Canção da Terra* (produção de Anna Maria Tornaghi), *Bumba meu Boi* (produção do Centro de Tradições Populares) e apoio financeiro para a publicação dos anais do *I Seminário de Cultura do DF*, por parte do Conselho de Cultura.

Jornal de Brasília

Ednardo lança o elepê *Rubi* em show na Martins Penna — PÁGINA 3

Reynaldo Jardim é atração na noite do *Cabaré Literário* — PÁGINA 6

CADERNO 2 — BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL — QUARTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1991

Afogando em números

JÁ FOI O TEMPO EM QUE OS PROJETOS FICAVAM ESCONDIDOS NAS GAVETAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL POR FALTA DE RECURSOS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

A Fundação Cultural está nadando em dinheiro. Esta é a impressão que toma conta da cidade a cada quinzena, depois de anunciadas as decisões do Conselho Deliberativo da entidade. Alguns dos exemplos mais eloquentes destes novos tempos — de fartura financeira — merecem registro. A área de Teatro, através do conselheiro Guilherme Cabral, solicitou Cr$ 40 milhões para *Edital Auxílio Montagem*. Ganhou Cr$ 100 milhões. O Festival de Brasília, que historicamente lutou com muitas dificuldades financeiras, consumirá este ano o maior orçamento de sua história. Cr$ 194 milhões (Cr$ 74 milhões a mais que o badalíssimo e mundano Festival de Gramado). O artista plástico Evandro Salles conseguiu patrocínio de Cr$ 12 milhões para a realização de 50 painéis em muros das cidades-satélites (a serem pintados por 50 artistas).

Há dinheiro sobrando? Os recursos estão sendo bem aplicados? Por que se investe tanto em evento e tão pouco em oficinas e cursos, tão necessários numa cidade com apenas 30 anos de história? O Conselho Deliberativo está analisando com rigor e aparo a liberação de grandes somas de dinheiro público tornando dos impostos dos cidadãos? Estas e outras perguntas foram respondidas, na manhã de ontem, por Márcio Cotrim, secretário de Cultura e Esporte, e Maria Luiza Dornas, diretores-executiva da Fundação Cultural.

JBr — A cidade vem tendo a impressão de que a FCDF está saturada em dinheiro. O Teatro pede Cr$ 40 milhões e ganha Cr$ 100 milhões. O Festival terá quase o dobro do orçamento de Gramado. Esta impressão procede?

Cotrim — Não, de forma alguma. O orçamento da FCDF foi elaborado por nós na gestão passada, em condições próximas ao ideal. Daí que a rubrica Promoções Culturais dispõe de Cr$ 1 bilhão e 500 milhões para seu trabalho até dezembro. Há porém, [illegible] eu disse, é genérico, linear. Afinal, há cidades maiores que exigem mais recursos e mais tempo um calendário a cumprir, onde figuram atividades como o Festival de Cinema, o Encontro de Escritores e uma série de outras, promoções. Daí concluirmos que a FCDF não está, de forma alguma, nadando em dinheiro.

— Mas a estes recursos orçamentários se agregam outros, oriundos de renda dos "próprios" explorados pela FCDF.

Cotrim — É verdade. E aí está um de nossos orgulhos, pois passamos a divulgar, com frequência a arrecadação de bilheteria de nossos próprios. Nos últimos meses ide sete de março a 30 de abril, recolhemos Cr$ 33.277.292,00. Estes recursos são, constantemente, reinvestidos na produção local.

Dornas — Os Cr$ milhões liberados para a ampliação do filme do Vladimir Carvalho (*Conterrâneos Velhos de Guerra*) vêm da renda de nossos próprios. O mesmo se dá com os Cr$ 12 milhões para o projeto *Pintura de Painéis*, do Evandro Salles.

JBr — Os recursos têm sido tão significativos e generosos, que nos parece estar havendo um deslumbramento da diretoria-executiva da FCDF. Os gastos deste semestre podem deixar a cidade a ver navios, de apoios a dezembro.

Luiza — Não há nenhum deslumbramento. O que há é gente que nunca comeu melado e quando come pela primeira vez, se lambuza. Por que devemos fazer voto de pobreza? Se temos a possibilidade de respirar em cima de um orçamento razoável, por que temos que ficar chorando miséria. Precisamos deixar de ser tupiniquins.

JBr — As críticas (do Conselho de Cultura do DF, da imprensa) não pregam a pobreza, mas sim, critério na distribuição de recursos oriundos de impostos públicos. Muitos dos projetos aprovados deixarão poucos — ou nenhum — resíduos.

Luiza — Esta crítica não é procedente. Os recursos para a ampliação do filme de Vladimir foram liberados atendendo a uma recomendação do Conselho de Cultura do DF. Todos os projetos estão passando pelo crivo do Conselho Deliberativo.

— Que hoje é um colegiado dominado pelo Estado. Dos sete conselheiros, só um representa a comunidade. O Conselho Deliberativo não tem solicitado tempo para analisar, com vagar, os projetos. E tem sido generoso (e dócil) na aprovação de grandes somas.

Luiza — Isto não é verdade. O Conselho tem analisado com muita seriedade cada novo projeto. Se não dispomos de critérios precisos que possam nortear nosso trabalho (*Ocorrem e Luiza são membros-natos do Conselho*), a falha não é nossa. Desde a primeira reunião do Conselho de Cultura do DF, responsável pela sugestão de política cultural, solicitei, na qualidade de diretora executiva da FCDF, uma lista de princípios (de critérios) capaz nos orientar nas análises quinzenais do Conselho Deliberativo. Esta lista não foi entregue ainda. Alguns conselheiros argumentaram que estes princípios estavam contidos nos anais do *I Seminário de Cultura do DF*. Só que estes anais ainda estão em processo de edição. Daí que temos usado o bom-senso em nossos julgamentos.

Cotrim: Esta semana, o governador Roriz receberá para análise e encaminhamento o decreto que transforma a composição do Conselho Deliberativo. Como o Conselho de Cultura do DF ele será paritário. Terá oito ou dez membros, sendo metade indicanda pela comunidade, através de eleição no *Seminário de Cultura do DF*. Por vontade do governador, antes da realização do *Seminário*, (10, 31 de maio, 1º de junho), o decreto será realizado.

— Volto à vertigem nos gastos do dinheiro público. Por que o Festival de Brasília vai custar quase o dobro de Gramado?

Cotrim — É preciso lembrar que o Festival de Brasília se insere num contexto especial: ou seja, nas atividades do Polo de Cinema e Vídeo, uma das mais importantes realizações do Governo Roriz.

Luiza — Engraçado. Todo ano era a maior chiadeira, pois o Festival de Brasília vivia ameaçado de não acontecer por falta de recursos. Agora, temos recursos garantidos e com boa antecipação. Temos recursos orçamentários, não só, porque uma lei aprovada para realizarmos o melhor festival do País. O governador Joaquim Roriz atribuiu-nos, em sua nova gestão, tarefa pela Cultura o quanto foi possível fazer antes. Por isto, estamos trabalhando com folga. Só que agora estamos sendo criticados por jornais ao Festival, a dimensão que ele merece.

— Que resíduos deixarão estes grandes — e custosos — projetos?

Luiza — Nossa gestão não se caracteriza só por grandes projetos. Estamos fazendo uma série de atividades que não aparecem. O projeto **Arte Candanga** está dando as galerias um espaço que elas nunca tiveram. Estamos adequando nossa sede (o Anexo do Teatro Nacional) à nova realidade, ou seja, à condição de sede da FCDF e SCE. Estamos começando a investir no aperfeiçoamento de nossos funcionários, todos, bem para o Rio (aperfeiçoamento de reciclagem). Contratar-se uma firma de consultoria para nos ajudar a fechar as contas da FCDF. Chegamos em 90, mas as contas de 89 não bateram. Estamos cuidando de tudo. O Grupo Gerador **(orçamento de Cr$ 35 milhões)** vai entrar em obras o mais tardar, semana que vem. A Novacap é que se responsabilizará pela obra, mas o custo será de nosso orçamento. Depois do Circo, aos poucos, entrarão em obras o MAB, a Biblioteca (no Setor de Difusão Cultural, antiga Galeria Oswaldo Goeldi), a Sala Funarte (o Espaço), a Concha Acústica, a Sala Cinemateca (antiga Sala Paulo Emilio Salles Gomes) e o Auditório (Dois Candangos da UnB, que contará com nossa ajuda). O Uma Brasília passará por completa revisão, mês que vem, para estar em excelentes condições em julho, durante o Festival.

— Quando é que a SCE/FCDF cuidará de investimentos em formação e aperfeiçoamento artísticos? Quando é que as Oficinas, tão defendidas pelo Conselho de Cultura do DF, terão vez?

Luiza — No seguinte sentido: nossa prioridade máxima será o projeto *A Arte em Curso*. Estamos desenvolvendo longa pesquisa junto ao Conselho de Cultura do DF e aos das Bibliotecas e em julho, anunciaremos a programação completa de *A Arte em Curso*. Detectados os anseios, estabeleceremos parceria com a Fundação Educacional e estaremos trazendo a Brasília profissionais renomados, os melhores em suas áreas, para contribuírem com o aperfeiçoamento dos artistas e produtores locais. Este projeto será tão bom que o Conselho de Cultura do DF não terá nenhuma motivação para criticá-lo.

—Chegam à imprensa, notícias de que um determinado projeto foi aprovado, enquanto outro, não há mais tempo, nem entrou em julgamento. Está havendo favorecimento?

Luiza — Não, de forma alguma. Já recebemos dezenas de solicitações de ajuda para gravação de discos de rock a música sertaneja. Não podemos atender a um e rejeitar o outro. Por isto, vamos abrir Edital para Auxílio de Produção de Discos. Os projetos mais consistentes serão selecionados e apoiados. Temos muitos pedidos também de apoio para concessão de filmes e vídeos.

— Gostaria de me ater à produção audiovisual, porque o produtor e diretor Márcio Curi encaminhou, em fevereiro, solicitação de apoio à conclusão do filme *A TV que Virou Estrela de Cinema*. O projeto nem foi analisado.

Luiza — Será na hora certa. Quando o Polo estiver formalmente criado se divulgará Edital de Apoio à Produção. Todos concorrerão em pé de igualdade. Vencerão os mais competentes. O Polo funcionará como um banco. Quem tiver competência e apresentar projeto viável e bem aprovável, decerto contará com recursos. Os outros terão que se conformar com a máxima "quem não tem competência não se estabelece".

— O Caderno 2 do "Estadão" apontou, em matéria sobre o Festival de Brasília, que o prêmio-aluguel de Cr$ 5 milhões para filme inédito selecionado constitui-se em "taxa de ativismo", pessoa

A agenda de produções da FCDF

JULHO —	de 03 a 09 — *XXIV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*
	de 17 a 28 — *I Seminário Internacional de Dança*
AGOSTO —	de agosto a dezembro — *A Arte em Curso* (série de seminários, cursos e oficinas para profissionais e aperfeiçoamento artístico)
	(15 a 22) — *II Semana do Folclore*
SETEMBRO —	(de a 15) — *II Encontro Cartas Brasília — Música Coral*
	(13 a 21) — *II Concurso Bandas na Primavera*
OUTUBRO —	(12 a 19) — *I Seminário Brasiliense de Teatro*
	(19 a 31) — *XXIII Encontro Nacional de Escritores*
NOVEMBRO —	(de a 12) — *I Festival de Mágicos da Capital*
	(23 de nov. a 20 dez.) — *Salão Brasília de Artes Plásticas*
DEZEMBRO —	(08 a 15) — *I Feira de Cultura das Sátélites*

508 Sul virá em quatro parcelas

do Conselho Cultural (também denominado Centro de Criatividade ou Espaço Cultural Sul).

A idéia, explica Cotrim, é se

Lia Pereira

Na matéria de ontem a reafirmação de um caderno cultural enxerga mais que purpurinas

Guilherme Cabral inaugurou a sessão argumentando que primeira vez, "pelo menos nesses últimos doze anos, vejo uma administração na Fundação Cultural com números bem claros para a sociedade, para os grupos que militam nas artes".

O secretário Márcio Cotrim deu seguimento à reunião informando que a entrevista concedida por ele e Luiza Dornas se insere num contexto absolutamente novo no aspecto de informação ao público em geral e à comunidade cultural em particular, com relação às atividades da Cultura em Brasília. "Como nós dissemos ontem e repetimos agora, é habitual na nossa gestão — que aliás vem acontecendo desde o ano passado — que não apenas se trate de letras e idéias quando se fala em Cultura em Brasília, mas agora também se fale de números. Números estes transparentes que chegam até aos centavos da situação real, da disponibilidade e das quantias à disposição das iniciativas culturais de Brasília. Não apenas os recursos orçamentários, que são alocados anualmente para a FCDF e Secretaria, como também os recursos gerados pelas bilheterias. Nesse particular cabe a menção específica ao aumento real destes recursos e à sua destinação clara às iniciativas culturais locais".

Márcio Cotrim lembrou que em 1990 foram recolhidos cerca de Cr$ 55 milhões só com as bilheterias, e estimou uma elevação quádrupla deste orçamento para 1991. "Esse fato, em relação ao passado, é sem precedentes. Nossa perspectiva para este ano é de Cr$ 220 milhões, arrecadados em bilheterias este ano. Isso colocado claramente para a imprensa e com os valores rigorosamente em dia e, principalmente, destinados e dirigidos às iniciativas culturais locais em reuniões como esta, quando os assuntos e processos culturais de Brasília são apreciados à luz da realidade financeira da FCDF. Então, não deixa de ser significativo o destaque dado pelo **Jornal de Brasília**, em capa de caderno, a matérias que tratem da situação financeira da Cultura em Brasília. Porque esse é o caminho que nós seguimos, transparente, democrático e oxigenado".